

Proposta da Sessão

**PESQUISAS E INTERVENÇÕES QUE TEM CONTRIBUÍDO PARA DIMINUIR A
DEGRADAÇÃO HUMANA PROVOCADA PELO USO DA VIOLÊNCIA NAS
RELAÇÕES SOCIAIS**

Coordenadora: Nilma Renildes da Silva

Esta sessão coordenada tem como objetivo discutir nossas atividades a partir da Psicologia Social Sócio-Histórica fundamentadas nas categorias atividade, consciência e representações sociais. Para isso vamos recorrer às nossas experiências de docentes e de discentes considerando a indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão, nas quais realizamos diferentes trabalhos focados nos temas: violência doméstica contra mulheres, crianças e adolescentes e violência nas escolas. Desenvolvemos nossas atividades tendo em vista a formação inicial e continuada de psicólogos, professores e outros profissionais que atuam com estas temáticas, além da comunidade em geral. Buscamos possibilitar que os diferentes atores sociais com os quais trabalhamos possam se apropriar dos subsídios teóricos metodológicos oriundos da psicologia social sócio histórica, para que estes compreendam a violência como um fenômeno multideterminado e que no decorrer de suas práticas profissionais possam promover e desenvolver relações sociais que prescindam do uso da violência.

As relações permeadas pelo uso da violência vem se constituindo tema de nossos estudos desde 1998, quando fizemos uma primeira pesquisa sobre violência nas escolas com um grupo de discentes na disciplina de Psicologia Social II. Naquele momento o fenômeno começava a se tornar uma preocupação acadêmica por aumentar os casos de violência dentro das escolas e que constantemente ganhavam espaço na mídia, dando visibilidade à comunidade sobre os fatos preocupando professores, alunos, familiares e pesquisadores. Nossos objetivos naquele ano foram: aproximar do fenômeno e conhecer seus contornos. Investigar como as escolas lidavam com estes fatos entre outras questões que tínhamos sobre o assunto. Posteriormente em 2003, organizamos conjuntamente com outros professores e discentes de diferentes cursos e profissionais convidados, por meio de projeto de extensão,

um Núcleo de Estudos e Intervenção em Violência Contra a Criança e o Adolescente, visto que aumentava na universidade demanda por este tipo de estudo, pesquisa e intervenção.

Para subsidiar filosófica e conceitualmente as intervenções, pesquisas e estudos sobre violência, nos baseamos em dois autores que nos auxiliam a compreender a complexidade das relações permeadas pelo uso da violência. O primeiro Vázquez (1990) discute que no processo de desenvolvimento histórico, os homens nas suas relações desenvolveram a possibilidade de agir por meio da violência – do latim *vis* = força. No entanto, esta é uma forma “elaborada” do uso da força, que foi necessária ao homem para a transformação da natureza. Visto que esse, ao tentar submeter à natureza às suas necessidades, encontrava a resistência da matéria para transformá-la. Mas a natureza resiste ao homem de forma cega e opaca, essa não apresenta uma contra violência, neste caso o uso da força foi um meio.

Nas relações humanas a força aplicada aos seres humanos encontra não somente a resistência da matéria humana, mas também a resistência deste ser como ser social, que embora possa não aparentar a resistência, ela existe nas suas diferentes formas. O homem ao usar a violência contra outro ser humano, não a utiliza apenas como um meio, mas como fim – o de submeter o outro à sua vontade. A vítima torna-se objeto do autor da violência, desumanizando ambos- a vítima por ter retirada de si a possibilidade de expressar-se como ser social e o autor da violência por ter que fazer uso de um instrumento que desumaniza a si e o outro.

Ainda de acordo com o autor já citado e segundo, Martin-Baró (1997) com o desenvolvimento do processo social e histórico e suas diferentes formas de organização a violência vem se concretizando como inerente à estrutura social. Na sociedade burguesa, na qual a característica fundante é a exploração de uma classe social pela outra, a violência é pervasiva. E nesse sentido podemos falar da violência estrutural, a que perpassa todas as relações sociais. Este fato coloca um limite nas possibilidades de erradicação da violência por meio de os nossos instrumentos, visto que para eliminá-la temos que eliminar a sociedade burguesa. Todavia, o autor nos aponta aspectos metodológicos para analisar o fenômeno da violência que contribuem para o desvelamento das relações sociais permeadas pelo uso da

violência e instrumentalizar os indivíduos para que sejam sujeitos históricos intencionados na denúncia contra qualquer forma de violência e empenhados na construção de relações sociais que prescindam do seu uso.

Nesta sessão coordenada apresentaremos para discussão quatro trabalhos. O primeiro de autoria da proponente da sessão coordenada, a pesquisa intitulada: **Análise do Movimento de Consciência de Futuros Psicólogos em Relação à Violência e a Violência nas Escolas**. A pesquisa em questão teve como objetivos: analisar e discutir as transformações no processo de formação de consciência futuros psicólogos, em relação ao conjunto de significados e sentidos atribuídos à violência nas escolas. Este projeto de pesquisa ocorreu ligado a um projeto de extensão universitária, justificou-se tendo em vista que a formação inicial de psicólogos não contempla a discussão sobre a violência nas relações sociais. O procedimento de coleta dos dados ocorreu por meio de um processo grupal, desenvolvido com três professores da rede municipal de ensino e 08 discentes do curso de psicologia, totalizando oito reuniões de duas horas cada, as discussões e reflexões foram gravadas em vídeo e transcritas para análise dos dados significativos para a pesquisa, foi solicitado para todos os participantes os termos de participação livre e esclarecido. Para a instrumentalização nas discussões utilizamos de textos da tradição Sócio-Histórica e do Marxismo. Inicialmente os discentes apresentava a queixa de que tinham necessidade de compreender melhor o tema. Comumente os modelos de enfrentamento da violência nas escolas não atuam diretamente com os profissionais da educação e tampouco, na graduação, em disciplinas curriculares em Psicologia, os discentes tem acesso a esta discussão. Nesse sentido os projetos de extensões contribuem para esta formação tanto inicial como continuada. Nos encontros posteriores, por meio das leituras, discussões de textos e dinâmicas de grupo se construiu a conceituação da violência e a discussão de que ela é desumanizadora por si só e que a linguagem tem a função de regular as ações e de propiciar a conduta intencional humana e que, portanto, é o instrumento para mediar às relações sociais juntamente à cognição. Diante do exposto se verificou que a participação, nas atividades desenvolvidas no processo grupal, possibilitou que os participantes tivessem uma mudança substancial no conjunto de sentidos e significados que atribuíam à violência e a violência na escola, ampliando o conhecimento a respeito de

formas de intervir em situações permeadas pelo uso da violência, tanto na vida pessoal como na vida profissional.

O segundo trabalho a ser apresentado foi desenvolvido pela Prof^ª. Dra. Eni de Fátima Martins e trata-se de uma pesquisa intervenção intitulada: **Formação De Professores E Violência Nas Escolas**. A realização da pesquisa intervenção justificou-se pela identificação de explicações de professores acerca da manifestação da violência nas escolas, centradas nos indivíduos e famílias. Colocou-se, então, o questionamento sobre as possibilidades de contribuição da psicologia da educação, como área de estudo e intervenção, para que o professor possa superar essa concepção, pois, ao mantê-la, corre o risco de, ao planejar atividades educativas, tendo como objetivo o enfrentamento da violência, fundamentar-se em ações restritas ao aluno e, muitas vezes, baseadas no senso comum. Compreendendo que para que o professor possa superar essas concepções naturalizantes ele próprio precisa “ser educado”, foi colocada a questão para a pesquisa: que transformações ocorrem no conjunto de sentidos e significados atribuídos pelos professores à prática educativa em relação à violência nas escolas, quando inseridos num processo formativo, na perspectiva histórico-cultural? Visando responder esse questionamento a pesquisadora acompanhou, como observadora participante, oito encontros de um grupo de discussão sobre violência nas escolas, integrado por de três professores de ensino fundamental e oito estudantes do curso de psicologia, contribuindo para a organização e desenvolvimento das reuniões. Na pesquisa, ora apresentada, foram analisados os dados relativos à participação das docentes. As professoras de educação básica e sua participação no grupo foram o foco da presente pesquisa e, assim, neste estudo serão analisadas somente as produções dessas professoras. No entanto, para contextualizar o movimento do grupo, serão também apresentadas as produções grupais. A proposta de atividade era organizada pelo núcleo de estudos e intervenções, podendo ser alterada de acordo com as necessidades do grupo, em cada um dos encontros, que tiveram vários momentos. Embora não pudessem ser rigidamente separados esses momentos, permitem que se visualize o que estava em evidência em cada um deles. Assim, tivemos basicamente três momentos em cada encontro: 1) roda de conversa inicial; 2) discussão do dia/problematização; 3) síntese final. Os procedimentos utilizados para a produção de dados

foram: questionário de mapeamento sociodemográfico, entrevista coletiva e observação participante durante o processo de formação grupal. Como resultados, observamos que as participantes expressam reflexões em que buscam articular suas práticas educativas com as questões teóricas sobre a violência, ampliando o conceito desse fenômeno, pois, inicialmente, apontavam apenas a violência física, cometida pela família e comunidade e não mencionavam a possibilidade de violência *da* escola. Violência era entendida como sinônimo de criminalidade e violência doméstica. Em outro momento, foram incluídos os preconceitos e discriminações, e por fim, o fenômeno é reconhecido nas relações escolares, nas quais os professores identificam, que eles mesmos, também usam e sofrem violência em suas atividades. As professoras iniciam a formação sensibilizadas para ajudar as crianças com as quais trabalham. À medida que elas discutem o conceito de violência no grupo, vão, em parte, ressignificando suas necessidades e motivos para agirem ante a violência. Ao perceberem que o tema violência pode ser inserido em suas atividades pedagógicas, relatam o que **podem fazer** (sentimento de potência), contrapondo ao próprio sentimento de impotência verbalizado principalmente no início da formação. Os elementos acima comentados nos indicam a importância de processos formativos para a construção/ reconstrução de sentidos e significados sobre violência nas escolas.

O terceiro trabalho proposto para esta sessão foi realizado como projeto de iniciação científica em Psicologia Social Sócio-histórica II, sob orientação da proponente, pelos discentes Diego A. Santos e o Alysson E.C Aquino, atualmente mestrands, a pesquisa intitulada: **O Processo de formação da subjetividade: O Sofrimento Psíquico de Profissionais Envolvidos no atendimento de Crianças e Adolescentes Vitimizados Sexualmente**. Cujos objetivos foram: discutir e entender a construção da subjetividade dos profissionais que trabalham com crianças e adolescentes vítimas de violência sexual diante dos impasses sofridos com a implantação do Estatuto da criança e do Adolescente – ECA. A importância deste trabalho para nossos refere-se à formação continuada dos trabalhadores desta área e que foram participantes do Núcleo, naquele ano. Os participantes desta pesquisa foram profissionais de cinco órgãos municipais de atendimento às vítimas de violência. Por meio de entrevistas com perguntas abertas e semi-estruturadas colhemos dados que

demonstraram que os sentimentos mais evidentes destes profissionais frente às suas atividades eram de frustração ao querer atuar de acordo com o previsto no ECA mas não encontrar suporte institucional para tal ação. Outros sentimentos evidenciados foram raiva e revolta por terem a intencionalidade de oferecer atendimento justo e de qualidade às vítimas de abusos mas não haver condições funcionais e organizacionais para a realização do atendimento e impotência diante da necessidade de expansão dos serviços, visto a falta de vontade política dos órgãos gestores de implantar novas redes. Estes são alguns aspectos deste trabalho que apontamos para discussão, visto que, (Codo, 1997, p. 26) postula que o trabalho pressupõe "... uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado". É por meio do trabalho que o ato de dar significado à natureza se concretiza; de mesmo modo à relação sujeito e objeto é mediada pelo significado. Para o autor, o significado é "... um signo que fica" (Codo, 1997, p. 26), transcende, permanece além da relação sujeito e objeto e quanto mais completo e complexo o circuito sujeito – trabalho – significado, maior o prazer no trabalho e gerador de um sentido pessoal para o trabalhador. Em contrapartida, o rompimento no circuito de significados do ponto de vista do trabalhador ocasiona sofrimento. Ao expor esta situação o profissional relata que toma consciência de que seu trabalho se encontra num processo de alienação à medida que não é aprofundado, refletido, pensado, e torna-se mecânico, conveniente ao modo de produção atual (capitalista) e concordante na forma de lidar com os problemas sociais, culminando com uma descrença no próprio trabalho e em si mesmo, como sujeito envolto em uma atividade na qual nenhum esforço pessoal no sentido da superação dessa condição mostra-se efetivo, ou parece valer a pena.

O último trabalho que apresentaremos refere-se à pesquisa de José Tadeu Acuna, aluno de graduação em Psicologia que realizou a pesquisa: **Representação Social da Violência nas Relações Escolares: A Questão Homofóbica**. Este projeto inicial teve como objetivo discutir sobre a violência nas relações sociais entre adolescentes e discute sobre a possibilidade de desenvolver relações que prescindam do uso dela. Investigou-se as representações sociais de adolescentes acerca do uso da violência nas relações sociais que envolvem a questão da sexualidade e como essa violência se expressa por meio de práticas homofóbicas. Pois tomamos como base que a representação que o indivíduo tem dos

fenômenos esta estritamente ligada às suas ações. Como base teórica para esta investigação utilizamos o materialismo histórico dialético e as concepções de violência de Vázquez (1990) e Martin-Baró (1997) e o estofo teórico a respeito das representações sociais de Jodelet (2001). Através de um questionário semi estruturado com 16 questões, analisou-se quali e quantitativamente tais resultados, que demonstrarão existência de preconceito e falta de conhecimento científico em relação à sexualidade, bem como, a ideia de que esse mesmo preconceito, para os entrevistados, não se configuram como uma prática violenta. Este trabalho nos impulsionou à sua continuidade e nesta segunda fase estamos ampliando o número de participantes da pesquisa e propondo um projeto de intervenção com os adolescentes que estão participando do projeto visamos discutir a Educação para a Sexualidade como parte dos temas transversais para o ensino médio.

Apresentação 1

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: SOFRIMENTO PSÍQUICO DE PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VITIMIZADOS SEXUALMENTE

Alysson Eduardo Carvalho de Aquino¹

*Diego Augusto dos Santos²

Nilma Renildes da Silva³

Introdução

Nossa pesquisa situa-se dentro de um conjunto mais amplo de projetos e atividades desenvolvidos junto ao Departamento de Psicologia da UNESP campus Bauru a partir de práticas da Psicologia Social, cujo principal articulador é um projeto de extensão que tem como objetivo aprofundar estudos do fenômeno da violência, além de instrumentalizar teórico-metodologicamente profissionais que lidam diariamente com a violência. São desenvolvidas atividades, portanto, de formação inicial de discentes do curso de Psicologia e de formação continuada de profissionais que estão em busca de subsídios teórico-práticos que melhor os qualifiquem no enfrentamento do fenômeno.

A teoria que nos respalda é Psicologia Social Sócio Histórica, cujas bases filosóficas e metodológicas assentam-se no marxismo.

Esta pesquisa foi realizada como projeto de iniciação científica em Psicologia Social Sócio-histórica II, sob orientação da Profa. Dra. Nilma Renildes da Silva. Interessava-nos compreender a realidade dos serviços públicos de atendimento às vítimas de violência sexual, investigar se no cotidiano do município estudado também evidenciavam-se os problemas relatados na bibliografia a cerca da implementação do Estatuto da Crianças e do Adolescente (ECA), e sobretudo, como os profissionais diretamente envolvidos no atendimento às vítimas

¹ Mestrando em Educação pelo PPGE-UFPR; bolsista REUNI e membro do Núcleo de Pesquisa Educação e Marxismo (NUPEMARX- UFPR)

² Mestrando em Psicologia pelo PPI-UEM; bolsista CAPES e membro do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural (LAPSIHC-UEM).

³ Doutora em Educação – Psicologia da Educação – PUC/SP. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Bauru.

de abuso sexual lidavam com os impasses provocados por um possível mal funcionamento dos serviços.

Justificativa

Temos encontrado, principalmente na bibliografia relacionada à referida temática, relatos de profissionais que trabalham intervindo em casos de abuso sexual de crianças e adolescentes denunciando as dificuldades encontradas na aplicação do ECA e na ausência ou *ineficácia* dos serviços públicos que deveriam ser instalados para dar suporte a este tipo de atendimento às vítimas. Ou seja, serviços e mecanismos legais que garantiriam às vítimas de abuso sexual, já fragilizadas pela sua própria condição, a garantia de um suporte eficiente diante de uma situação de violência.

Um material que discute algumas dessas dificuldades vivenciadas pelos profissionais que lidam diretamente com essa realidade, é o livro “*Abuso sexual doméstico – atendimento às vítimas e responsabilização do agressor*”, produzido pelo CRAMI (Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância) – Campinas, publicado em 2002. Algumas das principais barreiras encontradas pelos profissionais, apontadas no livro são: , a não aplicação da Doutrina de Proteção Integral à criança na grande maioria dos casos atendidos; o depoimento da criança não tem a devida atenção desde a queixa primária na delegacia até o julgamento do agressor; a medida de afastamento do agressor da residência comum, prevista em lei, sendo poucas vezes aplicada etc.

Nesse sentido, acreditamos que esta pesquisa justifica-se na medida em que estamos produzindo dados sobre uma localidade que ainda não possui levantamentos sistematizados da situação dos serviços de atendimento às vítimas de abuso sexual e dos profissionais que atuam nestes locais. Ainda nessa direção, a partir dos resultados desse trabalho esperamos fornecer dados que venham contribuir com futuras pesquisas, que tenham por objetivo investigar as problemáticas em torno destes objetos visando sua melhor compreensão.

Além disso, essa pesquisa também contribui para orientar possíveis futuras intervenções na realidade dos serviços de atendimento às vítimas de violência sexual. Seja através de intervenções que visem um trabalho direto com os profissionais que fazem o

atendimento às vítimas, seja por meio da proposição de Políticas Públicas que visem criar condições adequadas para a realização desta modalidade de serviço.

Objetivos

Nossa pesquisa teve como objetivo identificar as principais dificuldades enfrentadas por profissionais que trabalham diretamente com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual em relação à aplicação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e compreender como essas dificuldades se refletem na construção da subjetividade dos profissionais que lidam diretamente com esses casos.

Metodologia

A pesquisa realizou-se num município do centro-oeste do Estado de São Paulo. Foram selecionados profissionais de psicologia, que trabalham em órgãos públicos relacionados ao abuso sexual infantil, além de um Defensor Público que também atua no município.

Foram realizadas entrevistas individuais com os profissionais, com questões semi-estruturadas a cerca das dificuldades encontradas em relação à aplicação do ECA, além de questões sobre os sentimentos envolvidos diante desse impasse. Estas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Pelos limites impostos a este trabalho, realizamos um recorte da pesquisa inicial e apresentamos somente os dados relativos às entrevistas com os profissionais de psicologia.

Resultados e Discussão

A questão com mais frequência relatada durante as entrevistas foi, de fato, sobre as dificuldades na atuação. Os profissionais relatam diversas falhas e fazem críticas ao serviço prestado.

Uma delas é em relação à inadequação com que os atendimentos são oferecidos, não por falta de capacidade dos profissionais, mas sim pelas grandes demandas que devem ser cumpridas. Um grande número de usuários deve ser atendido num espaço de tempo muito

curto, tendo como agravante o fato da equipe profissional ser bastante reduzida, o que culmina na precariedade dos serviços prestados.

Diante disso, os profissionais relatam que cabe muitas vezes a eles ter de escolher quais casos atender dentre aqueles que julgam mais problemáticos. Ou então, por conta da grande demanda, veem-se obrigados a realizar atendimentos em grupo (apesar de discordarem radicalmente dessa modalidade de atendimento com vítimas de violência sexual). Questionam, assim, a falta de políticas públicas destinadas a oferecerem suporte para que o atendimento seja satisfatório e respeitoso.

Uma questão também apontada na atuação direta com as vítimas, é aquela em que o profissional se defronta com a não ou má aplicação do ECA, ou seja, a lei que respalda e fundamenta sua prática, em algum momento acaba falhando ou não sendo cumprida numa esfera de atuação que vai para além das suas possibilidades, que limitam-se ao acompanhamento psicológico.

Um exemplo dessa condição é a crítica feita por uma das profissionais entrevistadas sobre a realização do exame no IML (Instituto Médico Legal) nas vítimas de violência, discordando do fato de que tenha de ser feito nesse local. Relata o ambiente como totalmente inapropriado, além ainda de que esses exames procuram por marcas físicas no corpo daquele que foi abusado, embora em muitos casos inexistam essas marcas. Assim, a criança ou o adolescente passa a ser revitimizado, quando as pessoas começam então a desconfiar da veracidade das situações relatadas por eles.

No próprio desenvolvimento da entrevista, após as críticas que tecem à inadequação dos serviços cada vez mais precarizados, ao atendimento “massificado” decorrente da alta demanda e quadro reduzido de funcionários, debilidades do trabalho em rede etc, os profissionais analisam a contradição de um trabalho social no modo de produção capitalista. Cabe a transcrição da fala de um dos entrevistados para ilustrar essa questão:

Eu acho muito paradoxo o trabalho social em um sistema capitalista, porque é incrível como as instituições que pretendem fazer esse trabalho social funcionam como uma se fossem uma empresa, e é muito bizarro, você praticamente é alguém que tem que produzir também (A.).

Nessa mesma etapa da entrevista, um dos profissionais se dá conta de que está realizando um trabalho repetitivo, mecânico, irrefletido. Diante à forma como o serviço está organizado, tem a sensação de que está lidando com objetos ao invés de pessoas. Relata também que tem a impressão de estar realizando um trabalho conivente com o sistema capitalista, mesmo tendo consciência de que essa não é sua intenção e vontade pessoal/profissional

Fazendo uma síntese dos relatos, os sentimentos que envolvem o profissional em contato direto com os entraves legais e práticos no combate à violência sexual infantil são: frustração ao querer agir de determinada maneira e não haver meios para tal; desamparo perante a lei e a sociedade por conta da inadequação dos serviços; revolta e raiva por querer oferecer atendimento justo e de qualidade às vítimas mas esbarrar em uma demanda cada vez maior a ser atendida; impotência diante da necessidade de expansão dos serviços, visto a falta de vontade política dos órgãos gestores em ampliar a rede - o que prejudica o profissional que fica sobrecarregado e a população atendida, que fica impossibilitada de usufruir de atendimentos adequados; vontade de produzir mudanças nas práticas existentes para que haja prontidão e eficiência dos serviços prestados à população envolvida – vítimas da violência sexual infantil e seus familiares.

Considerações Finais

Estes são alguns aspectos deste trabalho que apontamos para discussão, visto que, (Codo, 1997, p. 26) postula que o trabalho pressupõe "... uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado". É pelo que o ato de dar significado à natureza se concretiza. Do mesmo modo a relação sujeito e objeto é mediada pelo significado. Para o autor, o significado é "... um signo que fica" (Codo, 1997, p. 26), transcende, permanece além da relação sujeito e objeto e quanto mais completo e complexo o circuito sujeito – trabalho – significado, maior o prazer no trabalho e gerador de sentido pessoal para o trabalhador.

Em contrapartida, o rompimento no circuito de significados para o trabalhador ocasiona sofrimento. Ao expor esta situação o profissional relata que toma consciência de que seu trabalho se encontra num processo de alienação à medida que não é aprofundado, refletido, pensado, tornando-se mecânico, conveniente ao modo de produção capitalista e de acordo com a forma de lidar com os problemas sociais, culminando com uma descrença no próprio trabalho e em si mesmo, como sujeito envolto em uma atividade na qual nenhum esforço pessoal que vise a superação dessa condição mostra-se efetivo ou parece valer a pena.

Referências

Codo, W. (1997). Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: Tamayo, A. J. E., Borges-Andrade, J. E. & Codo, W. (Orgs.), *Trabalho, organização e cultura* (pp. 21-40). São Paulo: Cooperativa de Autores Associados.

CRAMI – Centro Regional aos Maus-Tratos na Infância. (2002). *Abuso Sexual Doméstico: atendimento às vítimas e responsabilização do agressor*. São Paulo; Brasília: Cortez; UNICEF.

Apresentação 2

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Eni de Fátima Martins

O fenômeno da violência, manifestando-se nas escolas brasileiras, tem sido abordado cotidianamente por meio das informações da mídia e relatos de casos por professores, alunos, pais que o vivenciam no âmbito escolar.

Estudos realizados anteriormente, por Placco (2002), Silva (2004), Saul (2004) Martins (2005) e Silva (2006) mostram, a existência da violência no cotidiano escolar; os sentimentos dos alunos e professores diante do fenômeno; aspectos do fenômeno que poderiam ser abordados na atividade educativa, mas que geralmente são encaminhados para outros profissionais da escola ou de fora dessa instituição; a queixa dos docentes sobre a sua falta de preparo para o enfrentamento dos aspectos referentes à violência; a solicitação de formação por parte dos professores, para que possam enfrentar essa problemática nas escolas, especificamente, nas salas de aula.

Em primeiro lugar se faz importante apresentar alguns elementos relativos a conceituação de violência nas escolas. Para Chauí (1998), violência trata-se de “(...) um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror”. (p. 34).

Abordando sobre a dificuldade de definição do termo Zaluar (1999) explica a respeito da variação cultural e histórica dos significados de violência. Partindo da etimologia *vis* que significa força, essa autora nos diz que a

(...) força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente (Zaluar, 1999, s/p).

A pesquisa aqui apresentada apoiou-se nas produções de Vázquez (1990) e Martin-Baró (1997) para conceituar violência. Para Vázquez (1990), a violência precisa ser analisada do ponto de vista do materialismo histórico dialético e em sua relação com a práxis. Para ele, a violência como possibilidade de ação humana constituiu-se no processo histórico de desenvolvimento da humanidade, tendo sido meio para o processo histórico de humanização.

Essa característica do processo histórico abriu um amplo campo para a violência nas relações entre os homens ganhou contornos específicos na sociedade de classes. A violência que se manifesta direta e imediatamente (a guerra, ações armadas), é a “(...) expressão de uma violência mais profunda: a exploração do homem pelo homem (...)” (Vázquez, 1990, p. 395).

Os estudos de Martin-Baró (1997) sobre a violência, numa perspectiva psicossocial, contribuem para a compreensão de que, existe uma vinculação entre o que são consideradas ações violentas e os conflitos sociais presentes na sociedade em que ocorrem esses atos. A justificção desses atos é fundamental para compreender tal vinculação, pois são marcados por valores e interesses de cada grupo social.

As finalidades da pesquisa que está sendo apresentada nesse trabalho estão articuladas com as contribuições do trabalho educativo, naquilo que lhe é possível, para a construção de relações sociais que prescindam o uso da violência. Em consonância com a fundamentação teórica apresentada, Silva (2006) aponta que o uso de ações não violentas são mediação para a constituição de uma sociedade que possibilite a humanização e somente o ser consciente poderá contribuir historicamente nesse processo. Assim, as ações educativas no processo de desenvolvimento dos indivíduos tornam-se fundamentais para “(...) uma transformação em sua consciência” (Silva, 2006, p.40).

No presente trabalho temos como objetivos apresentar parte dos resultados de uma pesquisa intervenção intitulada “Formação De Professores E Violência Nas Escolas”, cuja realização justificou-se pela identificação, em pesquisas anteriores como, por exemplo, Placco (2002) Martins (2005) e Silva (2006), de explicações de professores acerca da manifestação da violência nas escolas, centradas nos indivíduos e famílias.

Diante dessa constatação a pesquisadora colocou-se o questionamento sobre as possibilidades de contribuição da psicologia da educação, como área de estudo e intervenção, para que o professor possa superar essa concepção. Pois, ao mantê-la, corre o risco de, ao planejar atividades educativas, tendo como objetivo o enfrentamento da violência, fundamentar-se em ações restritas ao aluno e, muitas vezes, baseadas no senso comum.

Compreendendo que para que o professor possa superar essas concepções naturalizantes ele próprio precisa “ser educado”, foi colocada a questão para a pesquisa: que transformações ocorrem no conjunto de sentidos e significados atribuídos pelos professores à prática educativa em relação à violência nas escolas, quando inseridos num processo formativo, na perspectiva histórico-cultural?

A partir dessa questão objetivou-se então compreender que mudanças podem ser mediatizadas por um processo de formação continuada, na perspectiva histórico-cultural, no conjunto de sentidos e significados do professor a respeito de violência.

Visando responder esse questionamento a pesquisadora acompanhou, como observadora participante, oito encontros de um grupo de discussão sobre violência nas escolas, integrado por de três professores de ensino fundamental e oito estudantes do curso de psicologia, contribuindo para a organização e desenvolvimento das reuniões. Na pesquisa, ora apresentada, foram analisados os dados relativos à participação das docentes no grupo.

As atividades do grupo eram parte de um projeto de extensão universitária, cuja finalidade era a formação inicial de estudantes universitários e formação continuada de docentes da rede pública de educação. Os encontros foram semanais e cada um durou em média três horas. A maior parte das reuniões foram gravadas em vídeo e transcritas para análise dos dados significativos para a pesquisa, bem como foram feitas anotações em diário de campo. Cada reunião foi organizada com base em três momentos principais: 1) roda de conversa inicial; 2) discussão do dia; 3) síntese final.

Além do acompanhamento ao processo grupal desenvolvido no projeto de extensão, também foi aplicado um questionário de mapeamento sociodemográfico e realizada uma entrevista coletiva com as professoras.

Como resultados, observamos que inicialmente os sentidos e significados atribuídos pelos professores à prática educativa em relação à violência nas escolas incluíam apenas a violência física, cometida pela família e comunidade e não mencionavam a possibilidade de violência *da* escola. Os elementos criminalidade e violência doméstica eram bastante mencionados, como podemos perceber nas seguintes verbalizações.

*(...) Dou aula (...)justamente por nós estarmos assim, por fazermos parte de uma área, estar dentro de uma área onde a violência acontece mesmo, assim bem na nossa porta...
(Mírian, 1º encontro)*

No que se refere à prática educativa, nos primeiro encontros, as professoras expressam o interesse em aprender sobre violência para ajudar as crianças com as quais trabalham, pois diante da vitimização de crianças pela violência doméstica, elas sentem-se impotentes. À medida que elas discutem o conceito de violência no grupo, vão, em parte, resignificando suas explicações sobre o fenômeno e suas necessidades e motivos para agirem ante a violência. O discurso das professoras sobre violência começa incluir elementos como os preconceitos e discriminações, e reconhecer a violência nas relações escolares, inclusive que os próprios professores, também usam e sofrem violência em suas atividades.

Como exemplo desse primeiro momento pode ser citada a seguinte fala:

(...) estamos vendo assim como é que a gente pode ajudar, vendo conhecimentos para poder estar ajudando essas crianças porque, eles, lá onde eles ficam, é só violência. O que a gente pode dar. Com quem eles podem contar, é conosco que podemos ajudá-los. Sei lá, tentando amenizar um pouco a infância deles. (Mírian, 1º encontro)

Outra professora diz:

Então a realidade que a gente convive no dia-a-dia, nas escolas, e que os alunos trazem para gente também das casas deles, do lar, é muito triste essa realidade deles. (Marília, 1º encontro)

Já em outro momento, após estudos de textos e discussões pode-se citar a seguinte expressão:

(...) aqui a gente foi diferenciando dos tipos de violência camuflada, a velada. (...) a gente tinha uma visão de violência. E agora, estamos vendo que até colocamos a violência, como parte de nossa vida. E (...) (Maria – 3º encontro)

E em outro encontro afirma:

Mudou assim, como eu falei, eu pensei que a violência fosse só física (...) e antes a gente não tinha se dado conta [de outras formas de violência]. (Mírian– 7º encontro)

Ao discutirem sobre a prática educativa, aos poucos percebem que o tema violência pode ser inserido em suas atividades pedagógicas, e então relatam o que **podem fazer** (sentimento de potência), contrapondo ao próprio sentimento de impotência verbalizado anteriormente. Esses exemplos indicam a importância de processos formativos para a construção/ reconstrução de sentidos e significados sobre violência nas escolas.

(...) lá na escola tem muito problema de briga. Eles [alunos] trazem problema do projeto [outra atividade de que as crianças participam no bairro, em período contrário ao horário escolar] para resolver lá na escola. [Quando percebe as brigas, a professora questiona o que está acontecendo e os alunos, referindo-se à história: ‘Por quê’, trabalhada por ela, ao explicarem, comentam: ‘Um foi chamar um monte de amigo e o outro foi. E virou essa guerra, essa confusão. É coisa que às vezes acontece quando a gente chama amigo para ajudar’] (...) (Mírian– 8º encontro)

Os resultados apresentados, com base em Martins (2010) indicam algumas modificações de consciência das professoras, expressas nas observações sobre a própria atividade educativa. Entretanto essas mudanças não ocorreram espontaneamente, mas em parte, sendo resultantes do processo de formação de que participaram, no qual novos significados foram apropriados, pois eles desempenham (...) *um papel na vida desse indivíduo*

e em suas relações com o mundo (...) (Martins, 2007, p.74), à medida que se entrelaçam aos sentidos subjetivos que a realidade social adquire para cada pessoa singular.

Os resultados acima comentados nos indicam que as professoras participantes, ao demonstrarem envolvimento com a temática e narrarem as tentativas iniciais de articulação dos conhecimentos científicos sobre violência com sua prática pedagógica, indicam a importância de processos formativos para a construção/reconstrução de sentidos e significados sobre violência nas escolas.

A intervenção educativa de enfrentamento da violência é um processo de vir a ser que dependerá de circunstâncias históricas que possibilitem às professoras novos conhecimentos sobre a violência nas escolas e, conseqüentemente, a reflexão coletiva sobre como intervir.

Observou-se, ao final do acompanhamento do grupo, que as professoras estavam em processo de reflexão sobre a importância da atuação do professor no processo de sociabilidade de crianças e adolescentes. Tal significação contribui a implicação das profissionais para a formação de sujeitos históricos que possam participar mais criticamente da sociedade em que estão inseridos, até mesmo com ações que visem à superação da violência nas relações sociais.

Concordando com Leontiev (1978), afirmamos que a consciência deve ser considerada no movimento de sua totalidade histórica, não se restringindo o seu processo de transformação ao indivíduo que se mobiliza nessa direção, visto que a consciência depende essencialmente das relações sociais e históricas das quais participam as professoras.

Referências

Chauí, M. (1998, out./nov./dez). Ética e Violência. *Teoria & Debate*, São Paulo, 11 (39), 32-41.

Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Martin-Baró, I. (1997). *Ação e Ideologia* (8a ed.). San Salvador: UCA Editores.

Martins, E. F. (2005) *Violência na escola: Concepções e Atuação de Professores*. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Martins, E. F. (2010). *Formação de professores e Violência nas escolas*. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Martins, L. M. (2007). *Formação social da personalidade do professor*. São Paulo: Autores Associados.

Placco, V. M. N. S. (2002, 1º e 2º sem.) Representações Sociais de jovens sobre violência e a urgência na formação de professores. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação*, 14/15, 347-367.

Saul, L. L. (2004) *As faces da violência: um estudo das representações sociais de adolescentes de escolas públicas de Cuiabá*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso - Faculdade de Educação, Cuiabá.

Silva, J. B. A. (2004) *A escola enfrenta a violência: dos projetos às representações docentes*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista Campus de Presidente Prudente - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

Silva, N. R. (2006). *Relações sociais para superação da violência no cotidiano escolar e processos formativos de professores*. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Vázquez, A. S. (1990). *Filosofia da Práxis* (4a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Zaluar, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo Perspectiva*, 13 (3), 3-17.

Apresentação 3

ANÁLISE DO MOVIMENTO DE CONSCIÊNCIA DE FUTUROS PSICÓLOGOS EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.

Nilma Renildes da Silva

Introdução

Os estudos sobre violência nas escolas tem mostrado a existência de violência em grande parte das escolas brasileiras. (Abramovay & Rua *et al*, 2003; Silva, 2006, 2010; Martins, 2010). Estamos habituados a ver a escola como o local da socialização do saber historicamente construído e acumulado, portanto, lugar de promoção da humanidade e não de reprodução da desumanidade. Encontramos dificuldades para compreendê-la como uma das instituições da sociedade burguesa e em consequência disso, local que também reproduz as contradições presentes neste modo de organização social. Nesse sentido, desenvolver pesquisas e intervenções sobre violência nas escolas se justifica porque produz conhecimentos que contribuam para que os profissionais atuantes nas comunidades, em especial nas escolas, possam desenvolver ações para a transformação dessa realidade.

A existência de relações permeadas pelo uso da violência dentro das escolas é um fenômeno preocupante, principalmente quando a situação de violência ocorre na sala de aula, visto que esta é o *locus* principal da apropriação do conhecimento elaborado pela humanidade. Nesse intuito, as relações sociais ali estabelecidas estão a serviço da formação humana dos partícipes destas relações.

Caso contrário, a condição social do aluno tende a ser agravada frente a não concretização da apropriação por estes, dos conteúdos elaborados social e historicamente. Visto que os conteúdos objetivados na *práxis* educativa trazem consigo valores que foram significados nas relações sociais e ao se apropriar destes valores os alunos poderão resignificá-los para dar-lhes um sentido pessoal.

Desta forma esses conteúdos poderão ser instrumentos para estes enfrentarem não somente a sua condição social, bem como, a violência na escola e em outros espaços sociais. A impossibilidade de acesso dos alunos ao conhecimento, em função da violência que ocorre dentro das salas de aula, caracterizará uma situação de risco, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, contribuindo para reprodução ou perpetuação de processos de exclusão destes, que já são excluídos do processo de elaboração da vida social em consequência da forma de organização desta sociedade. Em relação aos professores e outros profissionais da Educação, as pesquisas (Silva, 2006,2010; Martins, 2010) apontam que o fato de a violência coexistir nos espaços de formação traz como consequência, entre outras, os sentimentos de frustração para com a profissão escolhida, visto que não conseguem exercê-la como planejaram. Este fato, junto à precarização do trabalho docente, tem gerado além de o adoecimento, o afastamento das funções pedagógicas.

Privilegiamos neste estudo as categorias atividade e consciência, visto que para possibilitarmos a apropriação de novos significados para a construção de novos sentidos é fundamental o dinamismo possibilitado por estas categorias nos processos formativos. A consciência humana não é imutável e, portanto, é resultado das relações sociais desenvolvida pelos homens no decorrer do processo histórico, como produto da atividade vital humana, segundo Leontiev (1978):

Para descobrir estas características psicológicas da consciência, devemos absolutamente rejeitar as concepções metafísicas que isolam a consciência da vida real. Devemos, pelo contrário, estudar como a consciência do homem depende do seu modo de vida humano, da sua existência. Isto significa que devemos estudar como se formam as relações vitais do homem em tais ou tais condições sociais históricas e que estrutura particular engendra dadas relações. Devemos em seguida estudar como a estrutura da consciência do homem se transforma com a estrutura da sua actividade. Determinar os caracteres da estrutura interna da consciência é caracterizá-la psicologicamente. (p.92).

Esta pesquisa foi uma contribuição para o desenvolvimento da consciência de futuros psicólogos que buscaram se apropriar de novos significados, conteúdos teóricos e metodológicos sobre violência e a violência nas escolas, no sentido de desmistificar o idealismo presente na formação destes em relação aos temas. Trocaram experiências com professores que vivenciavam a mesma angústia que eles, em relação à violência presente na sociedade. Tiveram a oportunidade de refletir sobre os diferentes tipos de violência e alguns conseguiram perceber a violência presente nas relações pessoais.

Objetivos

Analisar e discutir as transformações no processo de formação de consciência de futuros psicólogos, em relação ao conjunto de significados e sentidos atribuídos à violência e à violência nas escolas, ao participarem do processo de formação sobre o tema.

Justificativa

O trabalho justificou-se tendo em vista que a formação inicial de psicólogos não contempla a discussão sobre a violência nas relações sociais. Cada vez mais a violência perpassa as relações educacionais e a violência urbana adentra os muros da escola, nesse sentido os futuros profissionais da área de Psicologia que pretendem atuar na Educação tem reivindicado formação específica para compreender e enfrentar, dentro do limite de sua atuação, as situações que envolvam a violência.

Procedimentos Metodológicos

O procedimento de coleta dos dados empíricos ocorreu por meio de um processo grupal. Este se constitui em estruturas de vínculos e relações entre os participantes do processo e por meio dele se estabelece interações que possibilitam serem canalizadas, em cada circunstância, as necessidades individuais e os interesses coletivos. “O grupo tem sempre uma dimensão referida a seus membros e uma dimensão mais estrutural, referida à sociedade em que se produz. Ambas as dimensões, a pessoal e a estrutural, estão intrinsecamente ligadas entre si”. (Martin-Baró, 1989, p. 207).

Ele foi organizado a partir de divulgação entre os discentes e os participantes voluntariamente se inscreveram para participar. Foi desenvolvido com oito discentes do curso de Psicologia. Para todos foi solicitado o consentimento livre e esclarecido para utilização dos dados colhidos durante a realização do processo. Realizamos oito encontros de 2 a 3 horas cada um, realizados na UNESP – Bauru/SP. Os dois primeiros encontros foram semanais os demais quinzenais. As discussões e reflexões realizadas pelos participantes do grupo foram gravadas em vídeo e seu conteúdo transcrito para retirarmos as falas para análise dos dados significativos para nossa pesquisa.

A coordenação do processo grupal foi realizada por mim e a Ms. Eni de F. Martins. O processo grupal foi o *lócus* no qual a professora Eni, coletou dados para sua tese de doutoramento: Formação de Professores e Violência nas Escolas. Defendida em 2010, na PUC/SP, no programa de Pós Graduação em Educação – Psicologia da Educação. No seu estudo ela buscou compreender que mudanças poderiam ser mediatizadas por um processo de formação continuada na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica no conjunto de sentidos e significados do professor a respeito da violência.

Para a instrumentalização utilizamos textos da tradição da Psicologia Sócio-histórica e do Materialismo Histórico Dialético, também buscamos contribuições da Pedagogia Histórico-crítica, da Teoria da Vida Cotidiana de Agnes Heller e de autores como Vigotsky, Leontiev, Vázquez, *etc.* e das discussões sobre Processo Grupal, Poder e Violência, de Martin Baró. Ela foi desenvolvida por meio de leituras e discussões de textos e explanações sobre violência e violência nas escolas. Os recursos pedagógicos que utilizamos foram dinâmicas em grupo, tais como: técnica de cartazes, que consiste em confeccionar cartazes por meio de recortes de revistas para expressar determinados conteúdos; grupalização entre os participantes para discutir letras de músicas e poesias sobre os temas, desenhos e montagem de figuras com tangram. Para a avaliação das atividades grupais confeccionávamos poesias tipo *hai kai*.

Resultados

A seguir será apresentado um resumo dos dados que colhemos e julgamos relevantes para discutir o processo de formação de consciência sobre violência e violência nas escolas. No primeiro encontro foi realizada a apresentação dos participantes, das atividades que seriam desenvolvidas, levantamento das expectativas em relação à participação no processo grupal e também foi solicitado que os mesmos expressassem por escrito o que eles entendiam por violência e violência nas escolas. Os discentes escreveram que violência é agressão física, psicológica, cultural, social, econômica e política, em relação à violência nas escolas que era preciso responsabilidade social com a questão. Outros colocaram que a complexidade da violência angustiava, na medida em que ela é utilizada por crianças de tenra idade. Que ela é fruto da ignorância, alienação, da falta de ação e que tinham necessidade de compreender melhor o tema.

Nos sete encontros posteriores, por meio das leituras e discussões de textos, construiu-se a noção de que a violência é desumanizadora por si só e que a linguagem tem a função de regular as ações e de propiciar a conduta intencional humana e que, portanto, por excelência, é o instrumento para mediar às relações humanas juntamente com a cognição. Também discutimos que a escola e os professores, dentro do limite de suas atividades, são fundamentais para a construção de uma nova forma de relacionar-se, buscando assim a possibilidade de diminuir ou extinguir a violência nas relações humanas.

A partir desta compreensão passamos à discussão de que o comportamento tido como violento não é inato, embora o homem possua a abertura para relacionar-se por meio da violência, aqui entendida como *vis* do latim = força, ou seja, a violência é o uso da força para chegar a determinados fins. Historicamente temos visto que a violência está tão vinculada à produção ou criação histórica, que às vezes não se caracteriza a violência como meio a serviço de um fim. A violência como meio está instalada na sociedade a serviço de determinadas relações sociais, ou seja, ao império da propriedade privada e a divisão da sociedade em classes. Sob essas condições, a violência não se apresenta apenas como resposta a uma violência real; se organiza e estrutura como violência potencial.

Após a compreensão do uso da força como mediadora das relações sociais, discutimos que a violência assume diferentes configurações e que ela se caracteriza de acordo com Chauí, como:

Todo o ato de força contra a natureza de algum ser; de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém; de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais. (Chauí, 1999 p.160).

A partir das discussões acima sintetizadas, buscamos possibilitar que os participantes do processo grupal discutissem a violência nas escolas e o cotidiano do professor. Os discentes puderam acompanhar os relatos apresentados pelos professores e conhecer um pouco da realidade por eles vivenciada e juntos produziram cartazes, nos quais resumiam as discussões realizadas sobre o tema em questão somado ao papel do professor frente a violência que vivenciam cotidianamente.

Em síntese, as figuras nos cartazes sobre violência nas escolas e o cotidiano docente representavam “a violência que não deixa ver, não deixa adivinhar, a violência como fábula, violência que limita o comportamento, violência velada, camuflada”. Mas há o “amargo regresso” que é quando se inicia o ano letivo e novamente os professores terão que enfrentar a violência camuflada da/na escola.

Em outro cartaz as figuras significavam o caminho que estavam percorrendo de aprendizado e os novos questionamentos “a gente colocou (...) que é a concepção de que a violência, as pessoas veem de diversas formas, cada um tem uma bagagem, uma história e o

conceito de violência é diferente para cada um deles, como a gente percebeu no grupo, participando das discussões e lendo os textos isso foi mudando, mas nos perguntamos qual é o limite, tô tentando educar, mas estou usando a violência...”.

No terceiro cartaz aparece a ideia de mostrar que a sociedade forma o cidadão e o questionamento de que tipo de cidadão ela está formando “ nós fomos para um outro lado da questão, nossa ideia foi fazer um esquema, pra mostrar que a sociedade forma o cidadão. Mas que cidadão ela forma? Esse cidadão é violento, isso reflete nas crianças da próxima geração, eles reproduzirão o modelo...”.

Para aprofundar a compreensão que os participantes estavam delineando e buscar alguns caminhos sobre os questionamentos, realizamos leituras e discussões do texto sobre a *práxis e violência* (Vázquez, 1978) e assistimos ao filme “Esta não é a sua vida”. Foi relatada a dificuldade em compreender o texto. Algumas das dificuldades foram sanadas com a discussão na roda de conversa, outras ficaram para ir se diluindo nos encontros.

Discussão

No processo grupal, tendo a *práxis* como epicentro, foi fundamental para que os participantes comesçassem a perceber que eles podiam desenvolver atividades em relação aos temas que estavam sendo discutidos. Um dos discentes iniciou uma pesquisa com internautas perguntando: “O que é violência para você?” Sendo que o resultado da pesquisa foi apresentado num encontro posterior. Duas outras discentes foram fazer observação numa escola municipal e acompanhar as atividades de duas das professoras que participavam do processo de formação.

Ao final de cada encontro, como forma de avaliação, optamos por elaborar poesias tipo *hai kais* com as palavras e frases que todos os participantes do processo grupal expressavam durante o encontro. Foram produzidas muitas poesias no início com conteúdos mais carregados de preocupação e indignação com a questão da violência. Para exemplificar o *hai kai* a seguir, organizado a partir das palavras de avaliação do primeiro encontro demonstrava esses sentimentos:

Nós estamos incomodados com a nossa formação!

Pedimos socorro por mudanças!

Vamos ousar nos encontrar!

Unidos estudar, trabalhar.

Trocar experiências.

Reavivar o sonho, a esperança!

Após alguns encontros, realizamos uma avaliação solicitando que cada um dissesse uma palavra sobre o mesmo, as escolhidas foram: rotina, refletir e trazer isso para o dia a dia, ação, transformação, coragem, desligar o piloto automático para poder pensar, criatividade para criar as possibilidades, muito esforço, sair da ação individual e partir para o coletivo, modificação, ressignificação, reflexão. Como vemos, podemos inferir que já havia uma efervescência para a mobilização.

Continuamos no processo grupal a discussão sobre o cotidiano do professor, ainda com o texto e filme acima mencionados. A partir desse encontro os participantes começaram a debater o texto de Vázquez (1978) mesmo com as dificuldades de compreensão apresentadas por eles, inicia-se uma reflexão sobre a ação educativa, no que ela tem de violenta ou não violenta. A continuidade das discussões culminou com o grupo refletindo sobre outras atividades que poderiam ser desenvolvidas com alunos, outros profissionais da escola e da comunidade para ampliar a discussão sobre os temas trabalhados.

Como os encontros foram gravados em vídeo, nessa reunião foi mostrada a gravação aos participantes e discutimos as mudanças nas colocações em relação aos temas. Observamos que de queixa e relatos de necessidade de aprendizado, avançou-se para discussão teórica e prática sobre a violência e violências nas escolas. Também já destacamos as ações que alguns participantes do grupo estavam desenvolvendo. Já havíamos realizado sete encontros e ocorreu uma epidemia de “gripe suína” que interrompeu nossas atividades e a da escola. Realizamos, mais adiante, mais um encontro para encerrar a parte teórica, por meio de exposição dialogada.

Posteriormente foi enviado aos discentes um e-mail, solicitando que respondessem “o que puderam aprender e realizar no processo de formação sobre violência e violência nas escolas, e o que esta realização significou na formação profissional deles”. Três discentes responderam e autorizaram a reprodução de suas respostas, apresento a seguir partes dessas.

Discente 01 -

“As atividades que realizei como participante do projeto sobre violência nas escolas me possibilitou um maior aprofundamento nesse tema de meu interesse dentro do molde de um trabalho científico. Toda a pesquisa e leitura de textos contribuíram para o meu desenvolvimento e formação acadêmica e pessoal.

Poder estar presencialmente fazendo observação participante em sala de aula, assim como participar de um grupo juntamente com professoras da rede pública de ensino fundamental, além dos colegas de curso, promoveu uma maior apropriação acerca da realidade vivida nas escolas atualmente. Confirmou algumas hipóteses e desconstruiu outras, ampliando o significado do conceito de violência, mediante o contato com as pessoas que constroem, sob dadas condições essa realidade.

A violência, na sociedade de classes, nos aparece muitas vezes velada, fazendo com que não percebamos a própria agressão sofrida. Mediante esse trabalho, pude perceber o quão perverso pode ser, tanto para professores, quanto para os alunos, ou demais envolvidos no processo, essa violência que existe nas escolas, mas não se explicita como tal.

O sentido que esse desvelamento produz no que tange ao desvelamento das relações sociais enquanto relações muitas vezes permeadas pela violência, mesmo que em sua aparência não o sejam, motiva e alimenta a busca por novas apropriações da realidade que superem a condição ideológica dada, que reduz essa realidade a aspectos que servem à manutenção dessas mesmas relações exatamente nas bases em que elas se constituem – mediante a violência.

Dessa forma, a atuação do orientador e do grupo como um todo criou possibilidade de desenvolvimento de habilidades nem sempre contempladas em sala de aula, promovendo reflexões importantes acerca do tema trabalhado, bem como com a realização de um evento

em parceria com o CIAVI, em novembro, criou a oportunidade de trabalhar lado a lado com profissionais da área, o que muito acrescenta à minha formação”.

Discente 02 -

“Contribuí com minha formação como psicóloga e como ser humano. O tema trabalhado circunscreveu noções, compreensões e desvelamentos sobre o tema violência que na minha vida cotidiana era visto como natural. Perceber as relações de violência, principalmente aquelas mais veladas, na qual eu ou pessoas a minha volta estavam envolvidas possibilitou uma mudança na minha postura, um enfrentamento dessas relações, que antes me causavam angústia. Como por exemplo, posso citar as relações na qual um familiar passava por situações de violência muito velada... Refletir e aprofundar as múltiplas determinações que envolvem as relações de violência com o grupo contribuiu com o desvelamento dessas relações...possibilitou que eu travasse questionamentos sobre a situação que contribuiu na mudança da mesma...

...Na minha formação como psicóloga contribuí no acesso a uma discussão quase inexistente nas aulas da graduação e que necessita de uma reflexão mais atenta para se compreender as complexas relações que a envolvem... Acredito que isso refletirá na minha atuação como psicóloga a estar mais consciente e atenta às “maquiagens” que envolvem as relações de violência”.

Discente 3 -

“Creio que o que marcou bastante para mim foi que não dá para analisar a questão da violência a partir de pontos de vista como o genético, que busca encontrar um gene causador da violência ou mesmo a partir do viés biologicista, que explica e justifica a ocorrência desse fenômeno por meio do uso de termos como o instinto. Esses dois pontos de vista considera a violência como inata...considerando que o homem já se diferenciou dos animais ao se humanizar ...analisar o fenômeno da violência só se torna viável a partir do prisma social, que não trate o indivíduo de forma isolada culpabilizando-o por ser violento, mas considera-o dentro de um contexto em que as relações são permeadas pelo uso da violência... contudo

confesso que contribuiu para que eu me tornasse mais pessimista já de que o trabalho de transformação das relações sociais com fim de prescindir o uso da violência é, na minha opinião, gradativo, lento, difícil e envolve muita paciência, persistência e dedicação...não temos controle sobre as condições que fogem de nosso campo de atuação...não podemos analisar o fenômeno da violência considerando o indivíduo isolado, não teremos sucesso se intervirmos isoladamente.”.

Conclusões

Este projeto de pesquisa ocorreu ligado a um projeto de extensão universitária, no qual, professores e futuros psicólogos fizeram parte de um processo de formação que discutiu as relações permeadas pela violência, na perspectiva sócio-histórica, bem como a violência nas escolas. Comumente os modelos de enfrentamento da violência nas escolas não atuam diretamente com os profissionais da educação e tampouco, na graduação, em disciplinas curriculares em Psicologia, os discentes tem acesso a esta discussão. Nesse sentido os projetos de extensões contribuem para esta formação tanto inicial como continuada.

Diante do exposto verificou-se que a leitura dos textos, a participação nas atividades desenvolvidas no processo grupal e na escola possibilitaram que os participantes tivessem uma mudança substancial no conjunto de sentidos e significados que atribuíam à violência e a violência na escola. Foi possível que estes ampliassem o conhecimento teórico sobre a violência, perceberem a sua relação com o poder e a opressão, bem como a respeito de formas de intervir em situações permeadas pelo uso da violência, tanto na vida pessoal como na vida profissional. Os discentes puderam projetar para suas carreiras uma visão diferenciada sobre os temas discutidos.

Parece- nos que foi possível demonstrar aos participantes do processo grupal a possibilidade de construir novos sentidos sobre a violência e à violência nas escolas, percebeu-se que ao se apropriar de novos significados sobre os temas os discentes puderam refletir para construir a conceituação da violência e a discussão de que ela é desumanizadora por si só e que a linguagem tem a função de regular as ações e de propiciar a conduta intencional humana e que, portanto, é o instrumento para mediar às relações sociais

juntamente à cognição. Também se percebeu que a escola e os professores, dentro do limite de suas atividades, são fundamentais para a construção de uma nova forma de relacionar-se, buscando assim a possibilidade de diminuir ou extinguir a violência nas relações humanas.

Retomando nossos autores principais referentes às discussões sobre a violência Vázquez (1978) e Martin-Baró (1997), temos clareza que com as ações educativas podemos desideologizar as relações sociais permeadas pelo uso da violência, construir novos padrões de relações, apresentar transformações na consciência em si e esboçar algumas possibilidades de mudanças na consciência para si, no entanto, a utopia da extinção da violência nas relações sociais só é possível com a compreensão de que no desenvolvimento do processo social e histórico e suas diferentes formas de organização a violência vem se concretizando como inerente à estrutura social. Na sociedade burguesa, na qual a característica fundante é a exploração de uma classe social pela outra, a violência é perversiva. E nesse sentido, podemos falar da violência estrutural, a que perpassa todas as relações sociais. Este fato coloca um limite nas possibilidades de erradicação da violência por meio de os nossos instrumentos, visto que para eliminá-la temos que eliminar a sociedade capitalista.

Referências

Abramovay, M.& Rua, M.G. *et al.* (2002). *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME.

Chauí, M. (1999). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática.

Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Martin-Baró, I. (1989). *Sistema, Grupo y Poder. Psicología Social desde Centroamérica* (Vol. 02). El Salvador, C.A: UCA Editores.

Martin-Baró, I. (1997). *Ação e Ideologia* (Vol.01, 8a ed.). San Salvador: UCA Editores.

Martins, E. F. (2010). *Formação de professores e violência nas escolas*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil.

Silva, N. R. (2006). *Relações sociais para superação da violência no cotidiano escolar e processos formativos de professores*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil.

Silva, N. R. (2010) *Análise do Movimento de Consciência de Futuros Psicólogos em Relação à Violência e Violência nas Escolas*. Relatório de Pesquisa Trienal 2008/2010. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP-Bauru), Bauru, São Paulo, Departamento de Psicologia.

Vázquez, A. S. (1978). *Filosofia da Práxis* (2a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Apresentação 4

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ESCOLARES: A QUESTÃO HOMOFÓBICA

José Tadeu Acuna

Introdução

Cada vez mais, a violência adentra as escolas como o caso de Realengo comprovando que o cotidiano escolar é marcado pela violência, que aparece por meio da segregação, exclusão e indiferença ao outro. (Silva et al, 2011) Estas práticas são moldadas pelos valores, regras e princípios estabelecidos socialmente apoiado em uma ideologia que favorece a prática e, a partir disso, as diferenças se vinculam às relações de poder que permitem incluir ou excluir pessoas, diferenciando-as umas das outras. E é nessa questão que a nossa temática central do projeto reside: a violência expressa pelo preconceito em relação ao diferente, no caso de nossa pesquisa, o preconceito em relação a orientações sexuais que fogem o padrão heteronormativo.

Este trabalho foi a primeira etapa da atual pesquisa que está sendo desenvolvida, a respeito da educação para a sexualidade nos temas transversais, concebidos pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Objetivos

O presente trabalho versa, portanto, sobre a violência nas relações sociais entre adolescentes e discute sobre a possibilidade de desenvolver relações que prescindam do uso da violência.

Especificamente, a etapa da pesquisa, apresentada no presente trabalho, investigou as representações sociais de adolescentes em relação aos conteúdos desenvolvidos na educação para a sexualidade verificando se eles oferecem subsídios para a o exercício do respeito à diferença. Para tal objetivo utilizamos como base teórica para análise o materialismo histórico

dialético, as concepções de violência de Vazquez (1990) e Marti-Baró (1997) e as contribuições da teoria das representações sociais de Jodelet.

Procedimentos Metodológicos:

Adolescentes foram pleiteados como sujeitos para esta pesquisa, pois consideramos que a adolescência constitui-se uma fase de aprimoramento das relações sociais por meio da atividade de estudo. O trabalho educacional com ênfase no desenvolvimento humano traz como imperativo, que a discussão sobre educação para a sexualidade, é de suma importância para a própria formação da identidade do indivíduo como também a colaboração para a transformação de uma sociedade menos alienada.

Foram investigadas, na presente pesquisa, as representações sociais que os adolescentes participantes tinham a respeito da sexualidade, violência e orientações sexuais. Para isso, foi utilizado um questionário com 16 questões respondidas pelos adolescentes, cujos dados foram analisados posteriormente.

Para o estudo das representações sociais a respeito da homossexualidade mais especificamente, foi aplicado o modelo de investigação retirado da pesquisa de Lacerda et al (2002), adaptada para o objetivo deste trabalho. Nesta pesquisa os autores investigaram as representações sociais de universitários de uma universidade pública da Paraíba com o intuito de averiguar as formas como esses estudantes expressavam preconceito contra homossexuais, e a relação com as explicações para a homossexualidade. Para tanto o questionário foi organizado da seguinte forma:

- Escala de rejeição a Intimidade: que descreve situações do cotidiano relacionadas a existência ou não de intimidade com homossexuais. Enumeradas de 1 (não me incomoda em ter algum vínculo ou laço com homossexuais) à 5 (muito incomodado).

- Escala de expressão emocional: dividido em seis tipos de emoções, sendo que três estão na casa positiva: admiração, respeito e amor. E três negativas: desprezo, raiva e nojo. Onde os participantes deverão apontar de 1 (nunca) a 5 (muitas vezes) o quanto já sentiram essas emoções a cerca de homossexuais.

- Escalas de explicação da homossexualidade: Procura investigar qual a ideia dos jovens a respeito da origem da homossexualidade. Dividindo-se em: explicações biológicas, éticomorais, religiosas, psicológicas e psicossociais. Para cada categoria respectivamente, contendo as seguintes afirmações:

Explicações biológicas: A causa da homossexualidade é uma disfunção hormonal, ou segundo, as causas estão na hereditariedade.

Explicações ético morais: a falta de respeito foi colocada como causa da homossexualidade, ou em segundo, a falta de caráter.

Explicações religiosas: Falta da palavra de deus, ou em segundo, falta de uma religião

Explicações psicológicas: A causa da homossexualidade é devido a um abuso sexual quando o indivíduo era criança (trauma), ou em segundo, devido a um problema mental.

Explicações psicossociais: Não possui uma natureza específica, mas nada tem de transtorno mental ou alguma doença, ou em segundo, a homossexualidade faz parte da constituição da identidade do indivíduo e deve ser entendida como um todo.

Cada categoria deveria ser enumerada de 1 (discordo plenamente) à 5 (concordo plenamente).

Para a elaboração do questionário com questões discursivas utilizou-se as quatro dimensões sugeridas pela autora Jodelet (2001) como sendo importantes para o estudo das Representações Sociais.

Fontes de informação: pretende-se saber quais são os meios através dos quais os sujeitos obtêm informação sobre a sexualidade e a educação sexual. Como é que a informação lhes chega.

b) Informação: pretende-se avaliar a quantidade e a qualidade da informação que os sujeitos possuem acerca da sexualidade e da educação sexual.

c) Crenças: perceber quais os valores subjacentes à construção da representação social da Educação Sexual que os sujeitos possuem.

d) Atitudes: pretende-se compreender o posicionamento dos sujeitos quando confrontados com uma situação concreta.

Resultados

As questões discursivas sobre sexualidade e violência mostraram que: 1) a maioria dos participantes afirmou ter informações sobre sexualidade, advindas, principalmente, de conversas com amigos; 2) declararam-se também insatisfeitos em relação às informações que recebem e que as escolas pouco discutem a questão; 3) desconhecimento em relação ao conceito de sexualidade e orientação sexual, embora declarem saber o suficiente sobre o assunto; 4) nas questões discursivas que abordavam o fenômeno da violência, todos os adolescentes, afirmaram nunca terem presenciado atitudes violentas em relação à homossexuais, e que se sentiriam mal caso isso ocorresse, o que contradiz os dados das escalas, pois analisando os dados da escala relativos a vínculos e sentimentos evidenciou-se sentimentos de nojo e raiva, que indicam fortemente a existência do preconceito. 5) Os dados da escala demonstraram que as questões que avaliavam vínculos e emoções relativas a homossexuais evidenciaram contradições, pois há um certo nível de aceitação em relação a homossexualidade, porém não isentos de preconceito e incômodo. Os dados mostram maior dificuldade de aceitação em casos de se ter um filho homossexual ou de ver manifestações de afetos entre casais homoafetivos. Sentimentos de respeito e admiração apareceram, assim como os de nojo e desprezo e raiva. Quanto às explicações para homossexualidade as respostas estão pautadas em concepções morais, religiosas e biológicas.

Discussão

Por meio da análise feita a partir das respostas ao questionário pontuamos algumas questões. Com relação ao fenômeno da sexualidade, pôde-se perceber que os adolescentes que

participaram da pesquisa desconhecem conceitos básicos como o de sexualidade e orientação sexual, embora afirmem estarem satisfeitos com aquilo que sabem a respeito do assunto, não necessitando saber mais nada. Isso pode ser entendido a partir das respostas às questões que investigavam as fontes dessas informações, as quais em sua maioria advinham de conversas com amigos, televisão, sites, revistas. A discussão que ocorre nas escolas desses respectivos adolescentes a respeito do assunto, pelo que pôde-se perceber a partir de suas repostas, gira em torno de questões biológicas (anatômicas, hormonais) e as conversas a respeito da sexualidade “surtem” sem uma intencionalidade por parte da instituição, ou seja, sem que seja uma discussão previamente elaborada sobre o assunto, sem conteúdo programado.

Quando foi perguntado aos adolescentes sobre o fato de terem ou não presenciado atos de violência em relação a homossexuais e como se sentiriam diante disso, afirmaram nunca terem presenciado e que se sentiriam mal. Porém, nas respostas às escalas ficou claro o preconceito com relação a orientação sexual homoafetiva.

Evidenciou-se claramente a existência de sentimentos contraditórios, pois os mesmos sujeitos que na escala diziam sentir admiração também declaravam sentir nojo, raiva, ter a dificuldade em aceitar laços estreitos com homossexuais, e atribuíam a homossexualidade a falta de caráter, entre outras causas já mencionadas. A partir disso, fica visível que para esses adolescentes em questão da violência configuram-se somente como atos de violência física. Os mesmos que declararam nunca terem presenciado atos de violência contra homossexuais e que se sentiriam mal com isso (cinco dos seis participantes) declararam também em maior ou menos grau aversão e preconceito. Ou seja, para eles, esse tipo de sentimento e atitude não se configuraria como atos violentos.

Considerações Finais

Os resultados da pesquisa demonstraram a existência de preconceito e falta de conhecimento científico em relação à sexualidade, bem como, a ideia de que esse mesmo preconceito, para os entrevistados, não se configuram como uma prática violenta.

Enfatizamos a necessidade de intervenções no sentido de possibilitar o desenvolvimento de consciência, para que estes indivíduos possam entender a sexualidade

como um fenômeno multideterminado histórica, social e economicamente. De acordo com Herglich (1972) a representação social e conduta aparecem indissolúvelmente ligadas e que dessa forma “a manipulação controlada de uma representação terá um efeito observável sobre a conduta”, podendo assim contribuir para o desenvolvimento de ações que prescindam do uso da violência.

Acreditamos que a apropriação dos conhecimentos científicos de forma mais sistematizada a respeito da questão da sexualidade, da homossexualidade, da violência (o que é violência e suas diversas formas de manifestação), bem como da questão do próprio preconceito, possam contribuir para desenvolver a consciência desses adolescentes. Considerando que consciência e atividade são duas categorias indissociáveis, ao desenvolver a consciência produz-se também um movimento na sua atividade. Tal movimento deve contribuir na direção da superação da alienação tanto de quem sofre como de quem pratica a violência por meio do preconceito.

Referências

Herglich, C. A (1972) *Representação social. In Introduction à la psychologie sociale.* Serge Moscovici, Paris, Librairie Larousse.

Jodelet D, Organizador (2001). *As representações sociais.* Rio de Janeiro. (RJ): Ed. UERJ.

Lacerda, M.; Pereira, C.; Camino, L (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178.

Martin-Baró (1997), I. *Ação e Ideologia.* 8. ed. San Salvador: UCA Editores.

Silva et al (2011), *Violência intrínseca ao capitalismo: enfoque sobre as múltiplas determinações da tragédia de Realengo* – RJ. Recife PE. In *Anais ABRAPSO.*

Vázquez (1990), A. S. *Filosofia da Práxis.* 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.